A Origem Talmúdica



do Islã



A origem talmúdica do islã

O abade Curzio Nitoglia

ISLÃ E JUDAÍSMO

Pelo abade Curzio Nitoglia

A TESE DO PADRE THÉRY

Em 1955 o célebre teólogo dominicano, o Padre Théry[1], sob o pseudônimo de Hanna Zakarias, publicava “De Moïse à Mohammed”, dois grossos volumes reunidos mais tarde em um só “Vrai Mohammed et faux Coran”[2], nos quais estudava de maneira aprofundada a questão das origens do Islã.

No presente artigo tentarei resumir e ilustrar as teses contidas em seus livros, corroborando-as também por outros estudos sérios e reforçando-as com a opinião de um célebre orientalista da Universidade de Turim.

Os textos do Padre Théry não se encontram mais no comércio, mas o essencial de sua tese foi retomado pelo abade J. Bertuel, cuja obra está ainda disponível nas livrarias francesas[3]. Bonnet-Eymard escreve do Padre Théry que ele “deve ser considerado como o fundador da 1ª exegese científica” do Corão..., embora permaneça... o grande ausente de todas as bibliografias. É certo que o anonimato [ou o pseudônimo de H. Zakarias n.d.r.] e a edição privada, para não expor os religiosos e os padres que trabalham no meio do Islã a terríveis represálias, prejudicaram sua obra. Publicado sob o verdadeiro nome de seu autor, medievalista honradamente conhecido no mundo da pesquisa científica, ele não teria deixado de gozar de uma acolhida mais favorável da parte dos islamistas, mas ele foi forçado a polemizar a descoberto. Fingindo ignorar a identidade de Hanna Zakarias que, muito rapidamente, não foi mais um segredo para ninguém, eles puderam apresentá-lo, sem risco, “de boca em boca, como um blefador e um ignorante; o desprezo do autor recaía evidentemente sobre sua obra”[4].

Somente em 1960[5], um ano após sua morte, a revista dos dominicanos de Roma Angelicum levantou oficialmente o anonimato sobre a obra de Théry, resumindo de maneira concisa mas com exatidão o conteúdo dos dois primeiros volumes[6]. As conclusões às quais chegou o eminente teólogo e historiador dominicano podem ser resumidas assim:

1. O Islã é somente a religião judaica pós-messiânica, explicada aos árabes por um rabino.

2. Maomé jamais foi inspirado por Deus. Ele se converteu ao Judaísmo talmúdico, impelido por sua esposa Khadidja, judia de nascimento, e ajudado por seu mestre, o rabino de Meca, a realizar seu projeto de judaização da Arábia.

3. O Corão foi composto e redigido pelo rabino de Meca e Maomé era somente um "prosélito da porta".

4. O Corão primitivo (tradução e versão árabe abreviada do Pentateuco de Moisés) foi redigido por um rabino judeu, mas depois Maomé o perdeu (século VII). O Corão atual não contém mais, como o primeiro, a tradução e a adaptação da história sagrada de Israel; é somente um livro de anedotas, de histórias, quase uma espécie de relatório redigido pelo próprio autor sobre seus negócios apostólicos, que deveria ter sido chamado mais corretamente de "Os Atos do Islã". Esses "Atos" constituem a única fonte autêntica que nos permite conhecer as origens do Islã, isto é, em substância, a judaização da Arábia, da qual o rabino de Meca, Maomé e sua esposa Khadidja foram os primeiros autores.

Somente o estudo crítico desses "Atos do Islã" (ou atual Corão) pode nos fornecer uma base sólida para uma reconstrução das origens do Islã, isto é, da conversão da Arábia ao Judaísmo talmúdico.

Os judeus estavam presentes na Arábia e habitavam nos diferentes oásis do deserto arábico e nas três cidades de Medina, Meca e Taif. Eles eram particularmente numerosos em Medina (mais da metade da população). Os cristãos eram menos numerosos que os judeus, mas não eram católicos romanos; pertenciam ao contrário a seitas heréticas, tais como o Jacobismo e o Nestorianismo, e ao Cristianismo da Abissínia, fortemente misturado com elementos judeus.

5. Os "Atos do Islã", precisamente porque escritos por um rabino, são essencialmente anticristãos. Os muçulmanos não são senão árabes convertidos ao Judaísmo talmúdico a partir do século VII.

A MECA

No século VI, Meca tornou-se um dos mais importantes centros comerciais da península arábica. Lá, desde o século II, segundo o Padre Théry, existia o templo da "Ka'ba", uma espécie de caixa atualmente com 12 metros de comprimento, 10 de largura e 15 de altura, colocada sobre um pedestal de mármore de 25 cm e coberta por um tapete negro trocado todos os anos.

Na "Ka'ba" encontra-se uma pedra negra, ainda hoje visível[7], cuja proveniência e datação são desconhecidas; segundo os muçulmanos ela foi trazida diretamente pelo Arcanjo Gabriel :)

No século VI, a "Ka'ba" estava também cheia de pedras cinzentas recolhidas nos desertos da Arábia, consideradas como divindades e adoradas como tais; a maior

parte das pessoas que a frequentava era formada por árabes politeístas, que veneravam além da pedra negra incrustada na “Ka’ba”, as pedras e os ídolos que ela continha[8].

Em Meca, segundo a tese do Padre Théry, vivia também uma comunidade judaica, dirigida por um rabino muito bem formado, profundo conhecedor do Talmud, que teria concebido o projeto de converter os árabes politeístas à religião pós-bíblica. Para alcançar seu objetivo, teria se servido de um jovem árabe, Maomé, casado com uma jovem judia Khadidja; eis aí em resumo, segundo o Padre Théry, a história das origens do Islã: a conversão dos árabes politeístas ao Judaísmo talmúdico.

NASCIMENTO E CASAMENTO DE MAOMÉ

Costuma-se considerar que Maomé nasceu em 580, ainda que não se tenha uma documentação certa. Sua família era pobre, como atesta o rabino de Meca nos “Atos do Islã” (o atual Corão)[9], e, tendo ficado órfão muito cedo, parece ter sido acolhido por seu tio Abu Talib, caravaneiro de Meca. Era uma criança desperta e inteligente, e seu tio o levava frequentemente consigo nas caravanas que conduzia até Gaza.

Maomé casou-se com Khadidja[10], uma mulher mais velha do que ele, mas muito rica, de caráter forte e empreendedor; se é verdade, como afirma o Padre Théry, que foi ela quem tomou a iniciativa do casamento e, por conseguinte, foi voluntariosa e dominadora sobre um marido receoso de perder sua posição. “Aos 25 anos Maomé se casou”[11]. Esse casamento com uma judia explica a evolução do jovem árabe, já que sua esposa o levará a abandonar os ídolos da “Ka’ba” para aderir à religião judaica pós-bíblica; depois será o rabino de Meca quem o formará na religião de Israel e o lançará no meio dos árabes como seu porta-voz.

A CONVERSÃO DE MAOMÉ AO JUDAÍSMO

O culto dos ídolos ainda é muito difundido em Meca quando uma voz começa a pregar uma nova mensagem aos ouvidos dos politeístas árabes. “Eu juro por Alá (leia-se: Javé), que criou o macho e a fêmea. Aquele que faz a esmola e que teme a Deus será recompensado. Quanto àquele que é avarento, cheio de autossuficiência, será precipitado no abismo. De que lhe servirá sua fortuna? Eu vos previno desde já de um fogo que arde, reservado àquele que não teme”[12].

Como conhecia bem o Antigo Testamento, esse orador de Meca divide a humanidade em duas categorias: os que temem a Deus, os que creem na Ressurreição, no

Julgamento, no Céu e no Inferno e os infiéis, os avarentos, os orgulhosos! Em suas pregações reencontramos reminiscências veterotestamentárias e talmúdicas:

“Eu juro pelo figo e pela oliveira, eu juro pelo Monte Sinai… Aqueles que creem e fazem o bem receberão uma retribuição”[13]. Mas quem é esse pregador que ridiculariza os ídolos da “Ka’ba”, que anuncia a existência de um Deus único (“Javé” em hebraico, “Alá” em árabe), que jura pelo figo e pela oliveira, as duas árvores da felicidade terrestre do Antigo Testamento? É certamente alguém que conhece e que anuncia a religião de Israel.

Se, em seguida, aplicarmos a crítica histórica, somos obrigados a concluir, segundo o Padre Théry, que esse pregador é um judeu. É o próprio orador quem nos propõe essa conclusão com estas afirmações: “Tudo o que vos anuncio está contido nas folhas veneradas”[14], “as folhas de Moisés e de Aarão”[15]. “Idólatras de Meca, não sabeis então que o Deus Criador falou? Sim, Ele falou aqui, sobre o Monte Sinai, a Moisés! É Javé (o Deus único) quem revelou a Moisés o ‘Corão hebraico’, o único Corão (Livro Santo) que jamais existiu, o Corão glorioso do Monte Sinai”[16].

A partir desse texto o rabino de Meca dará uma tradução em árabe e será o primeiro Corão árabe escrito, depois perdido e substituído pelo atual “Corão”, que talvez pudesse ser chamado com mais exatidão de “Atos do Islã”. Os discursos que aí se encontram não contêm nada que não seja judaico, ou mesmo veterotestamentário, e corroboram a tese de que o autor é um judeu que conhece de maneira aprofundada o Antigo Testamento e o Talmud, isto é, o rabino de Meca.

O auditório do rabino, entretanto, não quer renunciar a seus ídolos ancestrais para se converter ao Deus único “Javé”. Entre os ouvintes, porém, há um jovem árabe que se casou com uma judia: e à noite Maomé, às escondidas, impelido por sua esposa, vai à casa do rabino para conhecer a nova religião. Ele aprende assim que há um só Deus, que suas palavras foram recolhidas por Moisés no Monte Sinai e foram escritas em um Livro (o Pentateuco), em árabe chamado CORÃO.

Como Maomé não é capaz de ler nem de compreender o Corão judeu, será o rabino quem lho lerá e lhe explicará oralmente as histórias de Abraão, Isaac, Jacó, José, Moisés. Maomé aprende também a nova profissão de fé ensinada pelo rabino: “Ele é o único Javé; Javé é um só, ELE NÃO GEROU e não foi gerado. NINGUÉM É IGUAL A ELE”[17]. Que bela profissão de fé judaico-talmúdica e anticristã (o Padre “NÃO GEROU o Filho; em Deus não há TRÊS PESSOAS IGUAIS e distintas!)

Maomé não esconde mais sua conversão, ele a torna pública, rompe todos os vínculos com a idolatria da “Ka’ba”. Meca fica abalada: esse árabe casado com uma judia não corre o risco de arruinar o antigo Panteão da cidade? A “Ka’ba” é um dos santuários mais ricos do país, e Maomé chega para arruiná-la! Diante dessas

acusações que lhe lançavam seus compatriotas, ele tinha a proteção do rabino com seu discípulo: “Dizei-lhes, Maomé: Ó infiéis! Eu não adoro o que vós adorais. E vós, não adorais o que eu adoro. ... A vós, a vossa religião. Eu, tenho a minha”[18].

Segundo o Padre Théry, ao lado de Maomé nunca houve um “Alá” revelador, mas somente um judeu, que lhe contou as histórias dos Patriarcas contidas no Pentateuco de Moisés. O Padre dominicano chega a essa conclusão após ter provado que a conversão de Maomé ao Judaísmo se deveu à insistência de sua esposa, à beira da chantagem psicológica, conversão que deveria servir à judaização da raça árabe, como era intenção do rabino de Meca. “Um único fato é certo, que ressalta da leitura... dos ‘Atos do Islã’: um árabe, Maomé, marido de Khadidja, depois de ter seguido as lições de um rabino, converteu-se ao Judaísmo entre os árabes. ...Maomé não será nada mais do que o porta-voz de um judeu, o discípulo de um rabino, para uma empresa estritamente e absolutamente judaica”[19].

A FORMAÇÃO RELIGIOSA DE MAOMÉ E SEU APOSTOLADO

Maomé sabe agora que os ídolos da “Ka’ba” são mudos, que Deus não falou. “Oh! Que noite solene foi essa da Revelação!”[20]. Ela acontece sobre o Monte Sinai, Moisés estava acompanhado de todo o povo ao pé da montanha, uma voz o chama e Deus lhe revela a Lei, ele redige um Código, o Corão, que é tanto um livro religioso quanto um código legislativo, em hebraico “Torá” (a mensagem religiosa de Javé é a sua lei). E o Corão judeu ou “Torá” teria de dirigir todos os homens[21].

Em conclusão, para o Padre Théry, não é “Alá” quem revelou a Maomé a história de Israel, Maomé não é um profeta mas apenas o discípulo devoto de um rabino, seu mestre Hirà, como cópia do Sinai não existe paz: Maomé, em substância, é somente o canal através do qual passa o ensinamento rabínico para a judaização da Arábia. Os árabes que depois seguiram Maomé gradualmente afastaram a origem judaico-rabínica do Islã, para afirmar e marcar cada vez mais a revelação de “Alá” a Maomé para a glória dos próprios árabes, que então suplantaram os judeus em sua missão.

OS ENSINAMENTOS DO RABINO A MAOMÉ

Com a conversão de Maomé ao Judaísmo, segundo o Padre Théry, o trabalho do rabino não está terminado, pois sua verdadeira finalidade era a conversão de todos os árabes à Sinagoga judaica. Sua missão agora é formar o espírito do neófito, fazer dele um apóstolo do Judaísmo entre seus compatriotas; Maomé será assim instruído profundamente sobre a história de Israel, aprenderá a rezar como os judeus, a se

prostrar em direção ao oriente, a invocar o nome do Deus Único (mas não em três Pessoas!)

Entre os conhecimentos religiosos, os “Atos do Islã” não trazem nada de novo à literatura judaico-talmúdica e à história sagrada do Antigo Testamento: um paraíso terrestre, ou melhor, carnal, é prometido àqueles que se submeterem ao Deus Único de Israel. A apologética utilizada para a conversão dos árabes não se baseia em motivos de credibilidade e sobre os “preambula fidei”, mas sim nos instintos mais elementares do homem, sobre a promessa de uma vida futura de prazeres sedutores em troca da conversão ao Judaísmo[22]. Impulsionado por sua esposa, instruído pelo rabino, o jovem cameleiro não podia deixar escapar a ocasião que se apresentava a ele: tornou-se o apóstolo do Judaísmo entre os árabes.

REAÇÃO DOS HABITANTES DE MECA FACE À PREGAÇÃO DE MAOMÉ

Diante da pregação da história sagrada de Israel, os habitantes de Meca respondem mal e com animosidade. Eles não querem seguir o jovem árabe que se converteu à religião de sua esposa. Mesmo que seja encorajado pelo rabino, Maomé desanima e é tentado a retornar à sua velha idolatria. “Eles estavam prestes a se seduzir e a se afastar do que nós lhes revelamos”[23].

O CORÃO ÁRABE: O “CORABOR” E O “CORABESCRITO”

Segundo o Padre Théry, a objeção dos Meca, segundo a qual o Corão revelado por Deus a Moisés está escrito em hebraico e, consequentemente, eles não poderiam lê-lo nem compreendê-lo, leva o rabino a reescrevê-lo em árabe. Na primeira fase do apostolado do rabino não se encontra vestígio de um texto religioso para os árabes; na segunda, ao contrário, que começa pela surata **LXXX**, o rabino recorda aos idólatras que existe um Livro de Verdade e de direção, composto de folhas muito antigas, escritas por Abraão, Moisés, Aarão. Essas folhas formam o Corão, ou seja, um Livro ou livro de Moisés. Contudo, quando o rabino, na surata **LXXXV, 21**, fala pela primeira vez de um “Corão glorioso” “sobre uma tábua guardada”, ele se refere ainda ao Corão de Moisés (ou Pentateuco) em língua hebraica. E é somente quando nos “Atos do Islã” se faz alusão a um Corão em língua árabe[24]: “Nós o tornamos fácil para a tua língua”, e também “Nós o revelamos sob forma de revelação árabe”[25].

Em conclusão, o Corão em árabe aparece como a obra de um rabino que traduziu e adaptou em língua árabe o Pentateuco mosaico e não contém nenhum novo dogma,

nenhuma originalidade, nenhuma nova Revelação. “Alá” não é senão a tradução árabe de “Javé” (o Deus Único). O Corão tem por autor “Javé”, que o confiou em língua hebraica a Moisés em 1280 antes de J.-C., e foi levado ao conhecimento dos árabes por uma tradução do século VI depois de J.-C.

Segundo o Padre Théry, Maomé confiará o Corão árabe a seus compatriotas em dois momentos sucessivos, primeiro oralmente e em um segundo tempo por escrito. A primeira etapa é a do “CORABOR” (CORan AraBe ORal), a segunda a do “CORABESCRITO” (CORan AraBe ESCRIT), tradução em árabe do Corão judaico de Moisés.

A COMPOSIÇÃO DO CORÃO E A ATIVIDADE LITERÁRIA DO RABINO DE MECA:

Recitemos os versículos 86-87 da surata XV: “Em verdade, teu Senhor é o Criador, o Onisciente. Nós já te havíamos dado SETE (VERSÍCULOS) DA REPETIÇÃO E O CORÃO SUBLIME”. Esses dois versículos são dirigidos pelo rabino a Maomé para lhe dizer que seu Senhor é o Criador, e não os ídolos da “Caaba”. Seu autor é aquele que já havia composto os sete versículos da Repetição e o Corão sublime, isto é, o mesmo rabino que compôs os “Atos do Islã” e o Corabécrito.

1. A “ORAÇÃO DAS LAUDES” OU “OS SETE VERSÍCULOS DA REPETIÇÃO”.

O autor é evidentemente um judeu: “Teu Senhor é o Onisciente”, e não se trata, portanto, dos ídolos da “Caaba”. Ao afirmar em seguida ter já “trazido os sete versículos da Repetição”, ele lembra ao discípulo ter já composto “sete versículos” especiais antes do Corabécrito. Esses versículos são diferentes dos que se encontram no Corabécrito, e formam um todo muito nítido, concreto, breve: são destinados a uma repetição frequente; daí o nome de “Versículos da Repetição”. Eles são curtos, recitados frequentemente, portanto são uma oração; é a oração em sete versículos onde os muçulmanos fazem para preceder sua coletânea de suratas. Para chegar a essa conclusão o Padre Théry se baseia na exegese do versículo 87 da Surata XV dos “Atos do Islã”, que declara: “Nós já havíamos trazido sete (versículos) da Repetição e o Corão sublime”. Ele demonstra que essa oração já havia sido composta na época da Surata XV e é posterior ao Corabor, que o rabino contava a Maomé. Durante esse período não havia ainda um escrito árabe do rabino de Meca, que servia unicamente do “Corão” de Moisés (ou Pentateuco) em hebraico, para fazer o “catecismo” a Maomé em língua árabe, transformando assim em Corabor. Além disso, o rabino fala

primeiro dos “Sete Versículos da Repetição” e depois do “Corão Sublime”, dando uma prioridade cronológica à “oração das Laudes” em relação ao Corabécrito, redigido então com um fim apologético como concessão aos árabes, hostis à pregação de Maomé, de conhecer diretamente de um texto escrito a Revelação de Yahvé sobre o Monte Sinai. A “Oração das Laudes”, ao contrário, contemporânea ao “Corabécrito” não é uma obra apologética, mas, dirigindo-se aos árabes JÁ convertidos ao Judaísmo, supõe a existência de uma comunidade de muçulmanos já convertidos ao Deus de Israel, após terem abandonado os ídolos da “Caaba”.

2. O CORÃO ÁRABE ESCRITO (CORABÉCRIT)

Enquanto compunha a “Oração das Laudes”, o rabino trabalhava também na tradução em árabe do Corão de Moisés, o Corabécrit ou Corão sublime de que fala a surata XV, versículo 87. Mas o que significa exatamente Corão? É um escrito destinado à recitação, um livro que se lê em voz alta e que se salmodia, e é também um livro de ensinamentos. Ao traduzir e adaptar em árabe o Pentateuco mosaico, o rabino tinha como único objetivo ensinar aos árabes a revelação sinaítica; é por isso que o Corabor e o Corabécrit não são senão uma repetição (oral e escrita) do Corão de Moisés. Nos “Atos do Islã” (o atual Corão) lê-se: “O Livro de Moisés é um modelo (um guia) da Misericórdia divina”[26]. Deus é o autor das verdades que ele contém, tendo-as revelado a Moisés em 1280 sobre o Monte Sinai, como confirmam as suratas do Corão árabe: “Ele (o Corão) é a confirmação do que havia antes dele (o Pentateuco). Não é que a explicação do Livro do Senhor dos Mundos”[27]. “Antes deste (o Corão árabe), havia o Livro de Moisés... E é um livro confirmando o outro, em língua árabe”[28].

3. OS ATOS DO ISLÃ

Hoje conhecemos um livro chamado impropriamente “Corão”, que compreende 114 capítulos ou suratas e 6.226 versículos. Não há identidade – afirma o Padre Théry – entre o Corão árabe, composto pelo rabino de Meca no século VII, e o Corão oficial que possuímos hoje (que seria melhor definir como “Atos do Islã”); em definitivo o “Corão” atual não é o original. Com efeito, nos versículos 86-87 da surata XV o autor lembra a Maomé que já havia composto duas obras, uma “Oração das Laudes” e o “Corão Sublime”: essa afirmação mostra que ele é, portanto, também o autor de uma TERCEIRA OBRA, a atual, que compreende a surata XV. Eis porque nos encontramos diante da presença de três obras distintas:

1. A Oração das Laudes ou Sete Versículos.

2. O Corão árabe (oral ou escrito) [perdido].

3. Um terceiro escrito (que inclui a surata XV, na qual nos versículos 86-87 se fala das duas obras precedentes).

É somente lendo os versículos 86-87 que se pode conhecer a obra à qual pertencem, chamada erroneamente ou impropriamente de Corão, mas que é claramente diferente do "Corabor" ou do "Corabécrit", e que deve ser chamado de Pseudo-Corão ou "Atos do Islã". As diferenças existentes entre as duas obras, o Corão árabe e o "Corão atual", são evidentes e profundas.

1° DIFERENÇA CRONOLÓGICA.
Na época da surata XV, o "Corabor" e o "Corabécrito" já estão terminados: "Nós já te trouxemos o Corão Sublime". Pode-se, portanto, afirmar que o "Corabécrito" foi composto no início do segundo período de Meca: "Nós o tornamos fácil para a língua, isto é, adaptamos em árabe o Corão hebraico de Moisés". A adaptação do Corão de Moisés já está terminada quando o rabino escrevia os "Atos do Islã", que contêm a surata XV; mas o livro ao qual ela pertence ainda não está inteiramente concluído: começado com o apostolado do rabino, ele narra as peripécias e o acompanha enquanto está vivo. Só será terminado com o fim do apostolado do rabino pela conversão de Maomé e, através dele, de todo o povo árabe. Por sua natureza, este livro, que é como um diário da vida apostólica do rabino de Meca, e tem semelhanças com os "Atos dos Apóstolos" dos cristãos, foi definido pelo Padre Théry como os "Atos do Islã", provavelmente terminado em sua versão definitiva em Medina, mesmo que tenha sido começado em Meca.

2° DIFERENÇA DE OBJETIVOS.
O Corão árabe é essencialmente:
a) um livro de orações judaicas, destinadas a fazer tomar consciência da Providência de Deus aos árabes de Meca, a fazê-los abandonar o politeísmo para abraçar a fé em Javé.

b) É também um livro litúrgico: assim como se recita a Torá (ou Corão judaico) em hebraico nas sinagogas, assim também os judeu-árabes ou muçulmanos (submetidos a Javé, Deus Único de Israel) deverão em suas assembleias recitar o Corão árabe, em língua árabe. Os Atos do Islã, ao contrário, não são nem um livro de orações, nem um livro litúrgico, mas a crônica do trabalho apostólico do rabino de Meca e de Maomé.

3° DIFERENÇAS LITERÁRIAS.
– O Corão árabe deveria ser essencialmente um livro dogmático, de ensinamento, estável e imutável.

– Os Atos do Islã nos contam, ao contrário, as mil peripécias da afirmação, em Meca, da religião judeu-rabínica e as violentas lutas do período de Medina. É uma verdadeira CRÔNICA que nos relata as reações dos habitantes de Meca que não quiseram renunciar a seus ídolos e aos gestos de Maomé, sob a influência de Cadija e do rabino.

“Em suma, conclui o Padre Théry – o livro dos ‘Atos’, que todo mundo hoje chama de ‘o Corão’, não é o Corão árabe, mas adaptação árabe do Corão de Moisés. Das três obras compostas em árabe pelo rabino de Meca, conservou-se, até agora, a ‘Oração das Laudes’ e os ‘Atos do Islã’”[29].

O DESTINO DO CORÃO ÁRABE

O CORÃO ÁRABE ESTÁ PERDIDO.

Uma questão surge espontaneamente: “Que fim ele teve?” Seria preciso procurar na massa dos manuscritos árabes para ver se existe uma versão árabe do Pentateuco e, uma vez encontrada, confrontá-la com os curtos relatos da história sagrada de Moisés que encontramos nos “Atos do Islã”. O fato é certo – segundo o Padre Théry – que o verdadeiro Corão árabe está perdido. Ele não era senão a explicação das principais histórias do Antigo Testamento escritas em hebraico. Hoje ninguém possui esse livro. Os muçulmanos contemporâneos de Maomé e de seu mestre o possuíam; os muçulmanos atuais já não o possuem mais. O único escrito do século VII ainda em sua posse é a “Oração das Laudes” ou os “Sete Versos da Repetição”, colocados como prólogo aos seus “Atos”, também do século VII. Entretanto, nos “Atos do Islã” encontramos EXCERTOS (em partes da história da judaização da Arábia) do verdadeiro Corão árabe. Os “Atos” têm, portanto, uma enorme importância para o conhecimento da existência e da data do autor do “Corabécrit” e, parcialmente, de seu conteúdo. É como se, absurdamente, só tivéssemos perdido os quatro Evangelhos, mas conservado os “Atos dos Apóstolos”. Graças aos “Atos do Islã”, podemos medir o quanto sabemos sobre a origem do Islã: mesmo os “Atos” são de origem judaica, mas de um Judaísmo DILUÍDO, para não ferir a suscetibilidade dos árabes idólatras. O rabino, segundo o Padre Théry, se contenta em falar da existência de um Deus Único, de sua bondade, da Ressurreição. Quanto à história sagrada que constituía a essência do verdadeiro Corão, nos “Atos” há apenas uma fraca alusão, já que os personagens do Antigo Testamento (Moisés, Abraão, Noé, etc.) são apenas mencionados e vagamente lembrados.

A perda do Corão é um fato grave, mas é atenuada pela presença dos “Atos”, que permitem uma reconstituição parcial. Quanto ao resto, com conjeturas sobre o

destino do verdadeiro Corão árabe, pode-se pensar que ele foi destruído em Medina por Otomão ou Abu-Báquir, ou que ele se perdeu... mas não se pode ter certezas nesse sentido.

OS PRIMEIROS MUÇULMANOS

O primeiro período de Meca é caracterizado pelo apostolado do rabino e pela conversão de Maomé ao Judaísmo; o segundo pela presença do Corão árabe oral, com o qual Maomé catequizava seus compatriotas. Ele passa a fazer parte dos "prostrados"[30], que na literatura rabínica são os adoradores de Yahwé, isto é, os judeus. Maomé ora prostrado como eles, frequenta a sinagoga, a sua 'fé'. Ele reúne os árabes para fazê-los se tornarem também prostrados. É preciso analisar uma palavra fundamental, que basta por si só para nos fazer compreender a essência do Islã. Os grandes do Antigo Testamento foram grandes porque SUBMISSOS A DEUS, e o Corão árabe os apresenta como modelos a seguir: é por isso que o muçulmano (ou o árabe que aceita o Corão árabe) é um SUBMISSO a Deus, um MUSLIM (ou muçulmano). E os Patriarcas foram submissos à vontade de Deus e, portanto, "muçulmanos". Na época do rabino mestre de Maomé, os termos muçulmano e Islã não representam uma nova religião, mas a religião do passado em relação ao Cristianismo, a religião judaico-talmúdica que precisamente recusa a divindade de Cristo. Os muçulmanos por excelência são, portanto, os judeus; os árabes deverão imitá-los, eles são muçulmanos por participação.

A religião dos muçulmanos (ou dos submissos a Deus) chama-se ISLÃ e não é outra coisa senão a religião da Sinagoga judaico-talmúdica exportada para a Arábia: Islã significa, portanto, SUBMISSÃO TOTAL À VONTADE DE DEUS. "Aquele que Yahwé (ou Alá, em árabe) deseja guardar, Ele estende seu coração até o Islã [à submissão total de sua vontade a Deus]"[31]. Virá um tempo em que os árabes, querendo fazer esquecer suas origens judaicas (quanto à religião que abraçaram no século VII com Maomé), se declararão os únicos e autênticos MUÇULMANOS e não mais os MUÇULMANIZADOS, os únicos representantes do ISLÃ e não os ISLAMIZADOS. Será o início do grande blefe religioso da bacia mediterrânea[32], que nos apresentará "Alá" revelando a seu profeta Maomé o Corão, isto é, a religião muçulmana ou islâmica como algo próprio aos árabes, novo povo eleito de Deus, totalmente "submisso" à sua Vontade.

DISPUTAS ENTRE OS CRISTÃOS DE MECA E O RABINO

Os cristãos que viviam em Meca, segundo o Padre Théry, tinham inicialmente estimado em pouco a pregação do rabino, mas logo começaram a se inquietar quando viram os progressos do Judaísmo entre o povo árabe. Maomé já havia convencido alguns de seus compatriotas e o rabino já tinha traduzido em árabe o Pentateuco e aí acrescentado as integrações talmúdicas e anticristãs. Os cristãos decidiram então entrar publicamente na disputa, que os via se opor tanto aos idólatras quanto aos judaizantes. Assim como o rabino havia pregado a Maomé os personagens do Antigo Testamento, assim também os cristãos deviam pregar-lhe os personagens do Novo Testamento, e especialmente São João Batista, a Virgem Maria e Nosso Senhor Jesus Cristo. Não possuímos naturalmente o texto das pregações dos cristãos de Meca, mas nos “Atos do Islã” lemos as respostas do rabino e, a partir delas, podemos remontar. Naturalmente, os cristãos não rejeitam a revelação do Monte Sinai. Assim como hoje todo bom cristão aceita o Antigo Testamento, aperfeiçoado no Evangelho de Jesus Cristo, mas rejeita os falsos relatos talmúdicos que deturpam a Revelação do Sinai. O ponto central que separa o cristão do judeu (e, portanto, do muçulmano) é o dogma da Unidade e da Trindade de Deus e da Encarnação, da Paixão e da Morte de Nosso Senhor. Os cristãos de Meca pregavam a Santíssima Trindade e a Encarnação do Verbo eterno, Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado pelos judeus, para manter os árabes no Cristianismo e libertá-los do Talmudismo. A conversão de Maomé ao Judaísmo era muito perigosa para o Cristianismo, que, na Arábia, já contava com bons meios de fortuna e de sucesso. Com base nas respostas fornecidas pelo rabino de Meca nos “Atos do Islã”, pode-se deduzir que os cristãos de Meca haviam centrado sua pregação (para converter os idólatras ao Cristo, manter os cristãos árabes já convertidos e impedir que o apostolado do Rabino entre seus compatriotas fosse muito longe) em três temas principais: São João Batista, a Santíssima Virgem Maria e Nosso Senhor Jesus Cristo. E são justamente esses três temas que o rabino retoma, contra-atacando, nos “Atos do Islã”, quando ele mistura aos seus relatos sobre os Patriarcas do Antigo Testamento (que são os verdadeiros muçulmanos, isto é, submissos) histórias do Novo Testamento, esvaziadas de todo sabor cristão, com até mesmo um conteúdo essencialmente anti-cristão. As histórias do Batista, de Maria e de Jesus nos “Atos do Islã” são apenas a resposta do Judaísmo à pregação dos cristãos de Meca e tinham como único objetivo o de converter os árabes ao Judaísmo. Não é verdade que o Corão atual tenha pontos de contato com o Cristianismo! Ao contrário! Se o rabino fala de Jesus, é apenas para dizer que Ele não era Deus, que era um grande homem, mas não Deus, e isso — evidentemente — não é um ponto de contato com o Cristianismo, mas um ponto de ruptura.

As três personagens do Evangelho, o Precursor de Jesus, a Mãe de Jesus e o próprio Jesus não são apresentados como objeto de fé muçulmana, mas são refutados, esvaziados de todo valor cristão. Em resumo, Jesus Cristo, nos "Atos do Islã", não é o Cristo do Evangelho, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade que se encarnou no seio de Maria, para quem o Batista não é o Precursor do Messias nem Maria a Mãe de Deus. Essas figuras são, portanto, completamente despojadas de seu caráter cristão no atual Corão, sendo postas como o oposto do Cristianismo, que é a Religião da divindade de Jesus Cristo.

Se o rabino contra-atacou, foi para responder às objeções feitas ao seu apostolado pelos cristãos de Meca, que anunciavam o Cristo crucificado "escândalo para os judeus e loucura para os gentios". É isso que o impede de cessar de apresentar o atual Corão, ecumenicamente, como se tivesse respeito pelo Cristianismo. Pois bem, não é o verdadeiro Jesus, mas "Alá" e seu profeta Maomé que se encontram no Corão atual. Os "Atos do Islã" nos falam do Batista[33], mas totalmente separado de Jesus Cristo (de quem, ao contrário, ele é o Precursor), como um dos numerosos milagres que Javé realizou em Israel: é uma pessoa da Antiga Aliança que nada tem a ver com a Nova e Eterna Aliança. A Santíssima Virgem também, nos "Atos do Islã"[34], nada tem em comum com a Virgem Maria, Mãe de Deus. Como já havia feito com o Batista, o rabino coloca Maria na Antiga Aliança e ignora toda relação de Maria com a Nova e Eterna Aliança.

Não obstante isso, sempre se encontram, infelizmente, cristãos doentes de sincretismos que querem a todo custo ver no "Corão" uma consideração e uma devoção mariana que absolutamente não existem senão em sua fantasia. Por exemplo, segundo o rabino, a Santíssima Virgem é a irmã de Moisés e de Aarão, que viveu 1200 anos antes da Santa Virgem[35]: "Ó irmã de Aarão, teu pai não era um homem indigno, nem tua mãe uma prostituta". Enfim, chegam a Jesus, "pedra angular e de tropeço". O pseudo-Corão tentará destruir Sua Pessoa divina, que faz subsistir nele duas naturezas, a natureza divina ab aeterno e a natureza humana, tomada no seio da Bem-aventurada Virgem Maria.

Jesus, para o rabino, não é senão um Profeta judeu e seria uma blasfêmia chamá-lo de Deus... Mas alguém, como nos relata o Evangelho, já havia gritado um dia a blasfêmia quando ouviu Jesus afirmar ser Deus: e tratava-se de Caifás, sumo sacerdote da religião judaica! E o pseudo-Corão, mais especialmente ainda contra este, segundo ele, perigoso erro de afirmar que Cristo é Deus: "Javé não faz descer sobre Moisés a Escritura, senão para refutar aqueles que dizem: 'Deus tomou para si um filho...' Mentiroso será o que sair de suas bocas: eles não dizem senão uma mentira"[36]; "Em verdade Javé... não tomará jamais para si um filho"[37].

Para o Corão atual, Jesus não é o Filho de Deus, mas somente um profeta, como outros profetas que vieram antes d’Ele, todos “submetidos” a Deus, que O adoram como Criador e Pai.

OUTRAS AUTORIDADES

Há outras autoridades que podem ser citadas como contraprova da conclusão a que chega o Padre Théry. Eis algumas. Segundo Édouard Pertus, Maomé teria frequentado em Meca cristãos-judaizantes, e isso explicaria a falsa interpretação do Cristianismo contida no Corão, tal como, por exemplo, a negação da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e da maternidade divina de Maria, professada já por Nestório[38].

O historiador judeu Bernard Lazare afirma igualmente que “Maomé foi nutrido pelo espírito judeu”[39]. A posição de um dos mais célebres islamólogos atuais, Bernard Lewis (ele também era judeu) é a seguinte: “Os judeus, e até mesmo os ‘convertidos’ ao Cristianismo, permaneciam orientais; no conflito sobre a questão oriental, tomavam o partido da Ásia contra a Europa, do mundo islâmico contra o mundo cristão. A AMIZADE ENTRE JUDEUS E MUÇULMANOS ERA UM FATO PREVISÍVEL... Durante vários séculos, muito mais no passado do que agora, evidentemente [após a criação do Estado de Israel, n.d.t.], A MAIORIA DO POVO JUDEU MANIFESTOU UMA VIVA SIMPATIA PELOS MUÇULMANOS. Um inimigo comum é um grande laço de amizade, e A PARTIR DO MOMENTO EM QUE OS CRISTÃOS ERAM INIMIGOS TANTO DOS MUÇULMANOS QUANTO DOS JUDEUS, ESTES DOIS POVOS CONCLUÍRAM UMA ESPÉCIE DE ALIANÇA ENTRE ELES... Nos tempos das cruzadas, os judeus foram aliados que ajudaram os muçulmanos a repelirem a maré da invasão cristã... e na Espanha os judeus foram os aliados e os mais fiéis amigos dos mouros contra os habitantes cristãos do país... Os judeus haviam prosperado na Espanha muçulmana e haviam encontrado refúgio na Turquia muçulmana... Nada no Islã era comparável a esta perseguição específica... dirigida contra os judeus no mundo cristão... Pode-se falar de uma TRADIÇÃO JUDEU-ISLÂMICA, dado que A RELIGIÃO MUÇULMANA ...ESTÁ ESTREITAMENTE LIGADA AOS SEUS ANCESTRAIS JUDEUS”[40].

Para qualquer pessoa que leia o Corão, a influência do Judaísmo é evidente. Quanto à interpretação dessa influência, existem diferentes explicações: há aqueles que, como o Padre Théry, veem no Judaísmo o único motor do Islã; outros que, como Pertus, veem influências judaicas e, ao mesmo tempo, mesmo que menos fortes, nestorianas

ou cristãs-judaizantes. Resta o fato comprovado da relação de causa e efeito entre Judaísmo pós-bíblico e Islã, já que as heresias antitrinitárias ou negadoras da divindade de Cristo (como o Nestorianismo) foram amplamente fomentadas pelo Judaísmo[41]. O próprio Pertus reconhece que "o Corão foi profundamente impregnado, senão inspirado pelo Judaísmo"[42]. Eis por que as palavras de Arafat (o chefe da O.L.P.) não devem nos surpreender: "O JUDAÍSMO É UMA PARTE DA MINHA RELIGIÃO"[43]; "NÓS QUEREMOS A PAZ COM NOSSOS PRIMOS JUDEUS"[44]. René Sirat, presidente dos rabinos europeus, também confirmou o vínculo que une o Judaísmo ao Islã e a oposição que reina, ao contrário, entre Israel e a Igreja católica romana. O ex-grão-rabino da França e hoje presidente do conselho permanente da Conferência dos rabinos europeus declarou à *30 JOURS*: "Desejo que a mesma qualidade de diálogo seja possível com os cristãos de todas as confissões e com os muçulmanos. COM ESTES ÚLTIMOS, NÓS, OS JUDEUS, NÃO TEMOS NENHUM CONTENTIOSO TEOLÓGICO, POIS OS MUÇULMANOS NÃO PRETENDEM SER O 'VERDADEIRO ISRAEL' [como os cristãos]. Para eles, nós somos... o povo do Livro. PORTANTO, O DIÁLOGO COM ELES SERÁ MUITO MAIS FÁCIL"[45].

"A polêmica judaica – escreve Messori[46] – [está] convencida de que O EVANGELHO EM SI MESMO (com sua questão da Paixão e da Morte de Jesus pela responsabilidade do Sinédrio) constitui uma fonte eterna de hostilidade antijudaica. Para dizê-lo com a brutal sinceridade de um autor judeu: 'Enquanto alguém tomar como histórico o relato evangélico da paixão de Jesus, isso será perigoso para nós'".

O islamismo não é, ao contrário, considerado perigoso pelos judeus, e tende-se a atribuir somente aos DETALHES DAS CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS o conflito entre a Estrela de Davi e o Crescente muçulmano. Pelo próprio passado houve um laço estreito entre o Islã e o judaísmo no combate ao anticristianismo: o Islã se sustenta aqui [em Israel] com a ajuda ativa e no meio dos gritos de exultação desses mesmos judeus que agora tentam... combatê-lo com as armas. Maomé morreu em 632. Bastou então um pouco mais de vinte anos para que hordas árabes saíssem do deserto e chegassem ao Ocidente... Um blitz vitorioso sem precedentes e que só se explica se pensarmos no PAPEL QUE TAMBÉM TIVERAM AS COMUNIDADES JUDAICAS. Está historicamente estabelecido que, por aversão ao Cristianismo, OS JUDEUS DESEMPENHARAM O PAPEL DE "QUINTA COLUNA" EM FAVOR DOS MUÇULMANOS. Isso não é lenda, mas verdade que se encontra também nas crônicas árabes: onde se conta que os judeus sitiados [pelos muçulmanos] entregavam as chaves das cidades e revelavam os pontos fracos da defesa. É fato que a chegada da cavalaria árabe foi saudada com entusiasmo do lado

judeu. ...Como escreveu... Daniel-Rops: “Os judeus se alegraram, e com alegria, os fornecedores dos conquistadores muçulmanos. ...NO MOMENTO DAS INVASÕES, AS COMUNIDADES JUDAICAS ESTIVERAM CONSTANTEMENTE COM OS ASSALTANTES”[47].

Já em 1833 o pesquisador judeu Abraham Geiger publicava o célebre livro *Was hat Mohammed aus dem Judenthume aufgenommen?* (O que é que Maomé assimilou do Hebraísmo?), no qual, estudando a influência da religião judaica pós-bíblica sobre a religião islâmica, ele colocava em evidência os elementos veterotestamentários e rabínicos nas primeiras suratas islâmicas e chegava à conclusão de que se tratava de CONTRIBUIÇÕES JUDAICAS AO ISLAM[48]. Este primeiro estudo, que precedeu o do Padre Théry de bem trinta anos, foi seguido depois por muitos outros. “Certos pesquisadores chegaram até a emitir a hipótese de que Maomé tivesse tido mestres ou educadores judeus que lhe haviam fornecido os rudimentos de sua religião”[49]. Essas opiniões foram mesmo compartilhadas pelo célebre arabista escocês Richard Bell e pelo grande pesquisador sueco Tor Andrae, professor de religiões comparadas. “Mais recentemente novas abordagens sobre o assunto das ...influências judaicas vieram à luz do dia. Enquanto a origem judaica de certos conceitos islâmicos havia sido inicialmente evidenciada por pesquisadores judeus, pela maior parte rabinos... Muito recentemente a obra de dois jovens pesquisadores ...apresentou a relação histórica entre Judaísmo e Islam sob uma luz totalmente nova, na qual o papel devido ao Hebraísmo no Islam é descrito como algo bem mais importante que uma simples ‘contribuição’ ou que uma ‘influência’”.

Esse trabalho que descreve O ISLAMISMO como uma espécie de DERIVA... do judaísmo[50] suscitou violentas controvérsias[51]. Bernard Lewis, um dos mais célebres orientalistas contemporâneos[52], cita também Hanna Zakarias (pseudônimo do Padre Théry), “pesquisador dominicano conhecido”[53]. É interessante reencontrar no livro[54] de Lewis as analogias entre Judaísmo e Islamismo e uma oposição entre Judaísmo e Cristianismo muito mais radical que aquela existente entre Judaísmo e Islamismo. Com efeito, “enquanto os judeus reconheciam o Islamismo como uma religião estritamente monoteísta do mesmo tipo que a deles, tinham dúvidas, partilhadas pelos muçulmanos, a respeito do Cristianismo. ...Era menos grave de testemunhar que Maomé era o profeta de Deus, em vez de afirmar que Jesus era o Filho de Deus... Quanto às regras alimentares, Judaísmo e Islamismo são também muito semelhantes entre si e diferentes do Cristianismo”[55].

O problema das relações entre Judaísmo e Islamismo foi também recentemente tratado por Shelom Goitein, professor emérito da Universidade Hebraica de Jerusalém e atualmente membro do *Institute for Advanced Study* de Princeton, o qual afirma: “A cidade de Medina... abrigava uma população judia tão grande que, a seu

exemplo... ela foi capaz de preparar seus vizinhos árabes a aceitarem a religião monoteísta”[56]. Medina, centro principal da atividade de Maomé, foi originalmente uma cidade de *Kohanim* (sacerdotes) judeus. “O testemunho mais eloquente do caráter judaico das comunidades israelitas da Arábia... encontra-se no próprio Corão, que continuamente faz referência aos seus rabinos. O Corão faz alusão várias vezes ao sábado como um dia de repouso e ao jejum judaico e a outras leis... que se encontram na leitura talmúdica”[57].

O Corão diz[58] que a Ressurreição chegará num piscar de olhos; e este versículo, observa o pesquisador, é recitado pelos judeus três vezes por dia. “Enfim, no Livro Sagrado do Islã encontram-se traços inequívocos de *Midrashim* judeus, os quais até agora não foram encontrados na literatura judaica. ...É por isso que se encontra no Corão inscrições que louvam os judeus porque observam o sábado ou que os censuram porque não o observam, pois essas lendas só podem ter tido origem numa fonte unicamente judaica”[59].

Goitein se pergunta então de qual religião Maomé se serviu como modelo imediato ou quais foram seus mestres, dado que o Corão faz alusão várias vezes a pessoas que instruíam o Profeta. A resposta pode ser tripla. Uma primeira tese sustenta que o Corão contém uma grande quantidade de materiais que podem ser remontados tanto a fontes judaicas quanto cristãs. Mas (segunda tese) o que Maomé diz a respeito de Jesus Cristo e do Cristianismo não pode aplicar-se a nenhuma das diversas confissões cristãs de então e, portanto, a proposição cristã seria descartada. Enfim (terceira tese) uma terceira tradição do tipo gnóstico esotérico poderia existir, que poderia ter influenciado Maomé, uma espécie de gnosticismo cristão reconduzível, como antitradição parasitária, à Cabala impura judaica. É na prática a tese de Harnack, segundo a qual “O Islã é uma remodelação da religião judaica sobre o solo árabe, depois que a mesma religião judaica tenha sofrido modificações de um cristianismo gnóstico-judaico”[60].

Mas, segundo Goitein, essa tese não pode ser sustentada, pois a pregação de Maomé não contém nenhuma ideia gnóstica e revelaria uma posição religiosa muito diferente da desses círculos esotéricos. A segunda tese, como vimos, parece excluir a si mesma: resta, portanto, sondar a pista judaica na formação do Islã. Goitein sustenta que “na última parte de sua atividade, em Medina, MAOMÉ FOI INFLUENCIADO DE MANEIRA CONSIDERÁVEL PELO PENSAMENTO E PELO MODO DE VIDA DOS JUDEUS. …A ESPIRITUALIDADE DE MAOMÉ, com seu monoteísmo irredutível [interpretado aqui como um objetivo antitrinitário, n.d.r.] TEVE NISSO MUITO DO ESPÍRITO DO JUDAÍSMO. …A hipótese segundo a qual Maomé, no início de sua atividade de profeta, foi principalmente inspirado por cristãos …inclusive os judeu-cristãos, deve ser descartada de forma absolutamente

clara pelo simples fato de que não há nenhuma referência à figura (nem mesmo ao nome) de Cristo. …Tem-se a impressão de que Maomé fez um estudo específico dos …dogmas cristãos unicamente em uma fase muito posterior de sua atividade”[61]. A figura dominante do Corão, por outro lado, é Moisés, citado mais de cem vezes, enquanto Cristo é apenas Jesus-Cristo. Além disso, todas as histórias sobre Moisés percorrem todo o Corão e não se limitam a certos capítulos específicos. O próprio judeu que influenciou Maomé não era, portanto, nem mesmo um judeu-cristão ou ebionita, já que O CORÃO APRESENTA AFINIDADES MUITO ESTREITAS COM A LITERATURA TALMÚDICA. Eis por que a solução proposta por Goitein é a da influência do Judaísmo sobre o Islã: “A batalha espiritual do Islã foi travada e vencida de forma gloriosa e fácil sobre os campos de batalha onde já tinham sido decididas várias vezes no curso da história da Judeia. AS VERDADES REAIS DA LEI FORAM UM ÚNICO DEUS… CHEGARAM A MAOMÉ, como ele nunca deixou de destacar, de ISRAEL”[62].

O Islã, como o Judaísmo, é uma religião de ‘Halaka’, isto é, um preceito que regula MINUCIOSAMENTE todos os aspectos da vida. “Diante dessas considerações – conclui Goitein, confirmando a conclusão de Théry – chega-se a pensar que A INFLUÊNCIA DO JUDAÍSMO SOBRE O ISLÃ DAS ORIGENS DEVE TER SIDO MUITO CONSIDERÁVEL, SE NÃO DECISIVA”[63].

Um outro historiador e jornalista conhecido, Paul Johnson, escreve com lucidez sobre as relações entre Islã e Judaísmo:
“…O Islã foi na origem um movimento heterodoxo no interior do Judaísmo, dele divergindo a ponto de se tornar uma religião independente… A presença judaica na Arábia é muito antiga… Durante os primeiros tempos da era cristã o Judaísmo se difundiu na Arábia setentrional e certas tribos se tornaram inteiramente judias. Há provas de que poetas judeus ali floresciam na região de Medina no século VII, e é mesmo possível que um estado dominado por judeus ali tenha existido nessa época. Segundo as fontes árabes, cerca de vinte tribos em Medina e nos arredores eram judias… A influência do Cristianismo, que aos olhos de Maomé [nota do tradutor] não podia aparecer estritamente monoteísta, foi muito fraca… Parece que o objetivo de Maomé foi o de destruir o paganismo politeísta da civilização dos oásis, transmitindo aos árabes o monoteísmo ético hebraico em uma linguagem que pudessem compreender e em termos adaptados aos seus costumes. Ele aceitou o Deus dos hebreus e seus profetas… O Corão sendo o substituto árabe da Bíblia. O desenvolvimento por parte de Maomé de uma religião independente começou quando ele se deu conta de que os judeus de Medina não estavam dispostos a aceitar sua versão árabe arbitrariamente elaborada do Judaísmo”[64].

Lea Sestrieri é também substancialmente da mesma opinião, no que diz respeito à origem judaica do Islã e à "ruptura" que se seguiu: "Em contato com os judeus... os árabes haviam adquirido uma certa familiaridade com a ideia monoteísta. Não é de se estranhar que, em um determinado momento, um deles... tenha sentido o chamado do Deus único. ...É muito provável... que os árabes de religião essencialmente idólatra tenham chegado ao horror da idolatria através do contato permanente com os judeus, que desde séculos viviam entre eles. ...A essência da doutrina de Maomé pode ser resumida nestes pontos: crer em Deus, nos Anjos, nas Escrituras... A isso se pode acrescentar: a oração, a esmola, os jejuns, as peregrinações a Meca. Cada um desses pontos refere-se à fé e à prática judaica, incluindo a ideia da peregrinação (pela qual se salva a cidade)[65]. Lea Sestrieri pergunta-se como se produziu a ruptura entre Judaísmo e Islã, que hoje continuam a se chamar primos (cf. nota n° 51) e responde: "A separação entre Judaísmo e Cristianismo foi determinada... pelo caráter cristológico de Jesus [e pela divindade de Jesus, n.d.t.]... Mas na pregação de Maomé não há doutrinas que constituam uma separação do judaísmo"[66].

Eis explicado em resumo o que se quer provar: entre Cristianismo e Hebraísmo há uma oposição de contradição de caráter teológico: para o Cristianismo Jesus é Deus; para o Judaísmo Jesus não é Deus. Entre Islã e Judaísmo, ao contrário, não há nenhuma oposição de caráter teológico, embora haja uma oposição de contradição entre Cristianismo e Islã sobre dois principais Mistérios da Fé: Unidade e Trindade de Deus e Encarnação, Paixão e Morte de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Segundo Lea Sestrieri, a ruptura entre Judaísmo e Islã produziu-se por motivos de caráteres ou de pessoas; com efeito, "para uma personalidade como a de Maomé a desconfiança dos judeus ditada pela superioridade e pela tradição... foram mais que suficientes para produzir a ruptura... Por isso pode-se concluir que a separação Hebraísmo-Islamismo é somente em parte religiosa; ela foi ditada essencialmente pelo desejo de supremacia do Islã"[67].

Outro eminente pesquisador, Günter Stemberger, admite a dependência do Islã em relação ao Judaísmo: "NO INÍCIO O HEBRAÍSMO... INFLUENCIOU FORTEMENTE O ISLÃ, mesmo se depois este sofreu a influência fecunda. ...Precisamente o meio político-cultural do Islã contribuiu para a difusão do Judaísmo rabínico"[68]; ele entra depois nos detalhes e confirma a influência rabínica sobre Maomé: "Já antes de Maomé existiam na Arábia comunidades judaicas: elas desenvolveram uma intensa atividade missionária...MAOMÉ teve assim a oportunidade de encontrá-los e de conhecer sua tradição. ...Ele baseou AMPLAMENTE SUA DOUTRINA NA TRADIÇÃO BÍBLICO-HEBRAICA. ...Há

MUITOS ELEMENTOS QUE REÚNEM claramente O CORÃO e o pensamento islâmico posterior À TRADIÇÃO JUDAICA”[69].

Stemberger enumera em seguida os pontos de contato entre Islamismo e Judaísmo: a fé, a lei religiosa e as histórias narradas, que já vimos no último artigo. Mas lhe parece oportuno deter-se sobre as prescrições legais relativas aos alimentos. Maomé retoma substancialmente as interdições alimentares já conhecidas do Judaísmo, mesmo que haja menos proibições. Todavia, “permite-se aos muçulmanos comer a carne abatida pelos judeus”[70].

Verminjon responde à questão levantada por Lea Sestrieri, sobre a ruptura entre Judaísmo e Islã, estabelecendo um paralelo com Lutero: “Lutero... se aliou aos judeus e foi apoiado por eles; mas quando o fogo da heresia foi aceso, eles, fazendo a máquina girar, se retiraram. Para essa volta de face, Lutero os atacou pelo opúsculo *Os Judeus e suas mentiras*... O rabino Camerini reconheceu que a Reforma, ao manter os cristãos ocupados em lutar entre si (como justamente o Judaísmo desejava), marcou uma trégua às perseguições antissemitas. ...E pode-se, portanto, pensar que a intervenção da Sinagoga não foi estranha à própria fonte do Maometismo. Maomé, no início, foi ajudado pelos judeus em conselho e por ouro. MAS UMA VEZ QUE ESSA RELIGIÃO SE ESPALHOU, ELES ENCONTRARAM A MANEIRA DE SE RETIRAR ÀS ESCONDIDAS. ...Na realidade, foi o fanatismo de um punhado de judeus, entre os mais reputados da cidade de Medina, que lançou os fundamentos do poder político-religioso do Islã. Depois disso, mais facilmente, conclui-se o quanto o Judaísmo foi interessado em que os “goyim” lutassem entre si, com o maior grau possível desses conflitos”[71].

OS JUDEUS EM MEDINA

“Quando as duas tribos árabes dos Aus e dos Khazradj avançaram em direção ao oásis de Yathrib [por volta de 620 a.C.], encontraram a cidade já ocupada por três tribos de judeus, e assim os árabes foram obrigados a se colocar sob a proteção das tribos judaicas... A tradição chamava as tribos judaicas por três nomes: os *Banu Qurayza*... A 2ª tribo dos judeus era a dos *Banu an-Nadir*... A 3ª tribo dos judeus era a dos *Banu Qaynuqa*... Se considerarmos também que em Medina havia um número considerável de judeus que não faziam parte dessas três tribos, pode-se estimar que... a população hebraica em seu conjunto era de cerca de 10.000 pessoas” (J. BOUMAN, *Il Corano e gli Ebrei*, Queriniana, Brescia 1992, pp. 73-74).

MAOMÉ SE APROXIMA DOS JUDEUS DE MEDINA

Maomé, sempre segundo o professor Johan BOUMAN (professor de islamologia em Beirute e de história das religiões em Marburgo), aproximou-se dos judeus de Medina com fins precisos. “Após cerca de 12 anos de pregação em Meca, ele estava convencido de que sua mensagem não era nada além daquela dos judeus... e que havia sido escolhido por Deus para anunciá-la aos árabes, em uma clara língua árabe”. (Op. cit., p. 75).

Mas, segundo nosso autor, já havia uma dicotomia latente na relação entre Maomé e os judeus, que levaria, pouco a pouco, à ruptura e à tragédia... “De um lado, Maomé precisava do apoio moral e religioso dos judeus, durante sua primeira chegada a Medina; de outro lado, porém, ele não estava muito interessado pelos judeus, mas sim pelos árabes e pela luta contra a idolatria e o politeísmo... Maomé adota várias práticas religiosas judaicas, que, no entanto, não eliminaram a ambivalência... A prática da oração dos judeus... O repouso sabático, que começava na sexta-feira à noite... Maomé, já antes da Hégira, esforçava-se por formar as práticas de piedade islâmicas segundo o modelo dos judeus... Mas aí também ele se encontra diante de ambivalências: Maomé seguiu em parte as tradições hebraicas; mas em parte apenas lhes deu um conteúdo novo, adaptando-as... à maneira árabe de apreender as coisas. (...) Maomé, não apenas em Meca, mas também em Medina, considerava o hebraísmo como uma religião estreitamente ligada ao Islã, com a consequência de que os judeus de Medina deveriam ser aliados seguros em sua luta contra os politeístas” (Op. cit., pp. 75-78).

Mas Maomé guardou todo o seu *ser árabe*, o que manteve uma certa ambiguidade em suas relações com o judaísmo, e que pouco a pouco levou à ruptura. (Cf. op. cit., p. 80) por causa de motivos étnicos ou de nacionalidades e não de modo algum religiosos, como, por exemplo, as Igrejas nacionais (galicana, anglicana...) que se separaram da Religião católica, no início sobretudo por motivos de nacionalismo ou de regalismo.

RUMO À RUPTURA

“Hoje já não é possível estabelecer por quais razões exatas os judeus recusaram-se a Maomé... [No entanto] no Corão do período de Medina, pode-se encontrar a seguinte reação de Maomé à recusa dos judeus...” (Op. cit., p. 84). Em todo caso pode-se afirmar que Maomé aprendeu sua religião na escola judaica, que pensou em aliar-se com os judeus para lutar contra os politeístas, tudo isso mantendo seu “ser árabe”, e que, diante da recusa dos judeus por motivos étnicos “que não quiseram admitir que

Maomé era o profeta” (Op. cit., p. 85), ele revoltou-se contra aqueles que tinham sido seus mestres no pensar. Com efeito, “um profeta árabe que ajudava os árabes a conquistar um grande poder certamente não era uma das expectativas dos judeus em relação ao Messias. Os objetivos étnicos de Maomé não eram compatíveis com os dos judeus”.

MAOMÉ CONTRA OS JUDEUS

Os muçulmanos venceram a batalha de Badr (ano II da Hégira). Maomé ficou convencido de que Deus estava com ele e com seu povo, portanto, «ele pensou que havia chegado o tempo de se livrar do peso sempre demasiado pesado dos judeus» (Op. cit., p. 89). Ele não aceitava a MISSÃO DIVINA DOS ÁRABES (na realidade, cada um está convencido, infelizmente, de que há uma única missão divina e que naturalmente ela pertence ao seu povo...).

“Após sua ruptura com os judeus, até mesmo o vínculo com o Judaísmo se enfraqueceu. O centro da história da Revelação deslocou-se de Jerusalém para Meca. O período de ARABIZAÇÃO do Islã começava então... O Islã encontrou assim seu centro geográfico... no coração da Arábia” (Op. cit., pp. 102-103). O professor Sergio Noja, grande islamólogo italiano, escreve também sobre este assunto: “A atitude inicial de Maomé em relação aos judeus foi emprestada da abertura mais ampla e cândida; isso explica a amargura posterior de Maomé e sua reação violenta. Com efeito... ele havia indicado Jerusalém como a direção para a qual rezar, mas, em vez de receber da parte dos judeus palavras de simpatia e adesão, foi objeto de zombarias ferozes: “Maomé e seus companheiros não sabiam para onde estava a *qiblah* [direção da oração], até o momento em que nós os dirigimos”... O homem que havia suportado durante vários anos em Meca as zombarias que eram lançadas todos os dias contra ele [pelos árabes] não podia se resignar a não ser bem recebido pelos judeus. (...) O sinal da ruptura foi a mudança da *qiblah*; (...) Agora a nova direção da oração estava fixada em direção à *Ka’ba*” (S. NOJA, *Maometto profeta dell’Islam*, Mondadori, Milão 1974, pp. 210-217).

Para R.A. Rosemberg, “o Islã, no espírito, está mais próximo do Judaísmo do que do Cristianismo clássico. Ele ensina, com efeito, um monoteísmo sem compromissos e rejeita a presença de imagens, humanas ou animais, em seus lugares de culto. Seus fiéis praticam a circuncisão e não comem carne de porco. Suas autoridades religiosas não são padres que realizam ritos sagrados, mas sim estudiosos da lei sagrada como os rabinos. Maomé foi extremamente influenciado pelos judeus que havia conhecido em sua cidade natal da Arábia, Meca. Em seus primeiros ensinamentos, ele havia dito a seus discípulos para se voltarem para Jerusalém no momento da oração, como

fazem os judeus. Ele queria que observassem o sétimo dia do sábado e o Dia do Arrependimento como dia anual de jejum e expiação. Mas ele modificou essas práticas no dia em que os judeus, que ele havia procurado, recusaram-se a considerá-lo como o último profeta, o sucessor dos profetas de Israel e de Jesus, os quais, segundo ele, haviam lhe preparado o caminho”[74].

Notas

As citações do Corão foram tiradas do volume do Padre Théry: “Verdadeiro Maomé e falso Corão”.

1. 1891-1959. Ele foi membro da Academia Pontifícia, cofundador com Étienne Gilson dos Arquivos doutrinais e literários da Idade Média, fundador do “Instituto histórico de Santa Sabina” de Roma, professor no Instituto Católico de Paris, membro da seção histórica da Sagrada Congregação dos Ritos.

2. N.E.L., Paris 1960.

3. J. BERTUEL, O Islã: suas verdadeiras origens, N.E.L., Paris 1983-84, 3 vol.

4. BRUNO BONNET-EYMARD fr., O Corão, ed. CRC, Saint-Parres-lès-Vaudes 1988, tomo I, p. XIX.

5. A edição precedente de De Moïse à Mohammed, sob o pseudônimo de H. ZAKARIAS, apareceu em 1955 “chez l’auteur”, seguida do IIIº tomo póstumo em 1963 pelas edições do Scorpion. Um IVº volume permaneceu em estado de manuscrito.

6. Cf. Angelicum, fascic. 3-4, 1960.

7. Provavelmente um meteorito.

8. Em Meca praticava-se ou o politeísmo, que adorava uma dezena de divindades, entre as quais uma tríade feminina, ou a litolatria: o culto das pedras sagradas.

9. Surata XVIII, 8.

10. Provavelmente no início do século VI.

11. E. PERTUS, Conhecimento elementar do Islã, Ação familiar e escolar, Paris 1991, supl. ao nº 65, p. 24.

12. Surata XCII.

13. Surata XCV.

14. Surata LXXX, 13-16.

15. Surata XXXVII, 114-120.

16. Surata LXXXV, 21-22.

17. Surata CXII.

18. Surata CIX, 1-6.

19. H. ZAKARIAS, Verdadeiro Maomé e falso Corão, N.E.L., Paris 1960, p. 32.

20. Surata LXXX 11-15, XCVII, LXXXVII, LXXIII 15-52, LVI 76-77.

21. “Fica-se impressionado com o lugar que ocupam – no Corão – os preceitos, minuciosamente detalhados, relativos às mulheres; ora esses mesmos preceitos ocupam cerca de um sétimo do conteúdo do Talmud”. (E. PERTUS, op. cit., p. 41).

22. Suratas: LXXVII, 41-44; LXXXIII, 47; LXXXIII, 47; LXXVIII, 31; LII, 20; LVI, 22; LV, 72; XXXVII, 47; XLIV, 54; XVI, XXXVII, 47; LV, 47.

23. Surata XVII, 75.

24. Surata LIV, 17, 22, 32, 40.

25. Surata XX, 112.

26. Surata XI, 20.

27. Surata X, 38.

28. Surata XLVI, 11.

29. Op. cit., p. 112.

30. Surata XXVI, 217-219.

31. Surata VI, 125.

32. Op. cit., p. 129.

33. Surata XIX, 1-15.

34. Surata XIX, 16-21.

35. Surata XIX, 29.

36. Surata XVIII, 3-4.

37. Surata LXXII, 3.

38. Cf. E. PERTUS, Conhecimento elementar do Islã, Ação familiar e escolar, Paris 1991, supl. ao nº 65.

39. B. LAZARE, O antissemitismo, Documentos e testemunhos, 1969, p. 51.

40. B. LEWIS, O renascimento Islâmico, Il Mulino, Bolonha 1991, pp. 187-205.

41. Cf. J. MEINVIELLE, Da Cabala ao progressismo, Roma 1989.

42. E. PERTUS, op. cit., p. 26.

43. Entrevista de Arafat, LA STAMPA, 15/9/1993.

44. L'Osservatore Romano, 21/8/1994, p. 2.

45. 30 JOURS, fevereiro 1994, p. 10.

46. V. MESSORI. Pensar a História, ed. Paoline, Milão 1992, p. 624.

47. Ibidem, pp. 117-118.

48. A. GEIGER, Was hat Mohammed aus dem Judenthume aufgenommen?, Bonn 1833, ed. Rivista, Leipzig 1902.

49. B. LEWIS, Os Hebreus no mundo Islâmico, Sansoni, Florença 1991, p. 72.

50. P. CRONE-M. COOK, Hagarism: the Making of the Islamic World, Cambridge, Inglaterra, 1977.

51. B. LEWIS, op. cit., p. 73.

52. Ele é professor de história do Oriente Médio na Universidade americana de Princeton.

53. B. LEWIS, op. cit., p. 204.

54. Pp. 82-86.

55. Ibidem, pp. 87-88. Sobre o assunto ver também: S. W. BARON, História Social e Religiosa de Jesus, Nova Iorque 1952. E. I. J. ROSENTHAL, Judaísmo e Islã, Londres 1961. A. I. KATSH, Judaísmo no Islã, Nova Iorque 1962. S. D. GOITEIN, Estudos em História e Instituições Islâmicas, Leyde 1966. M. R. COHEN, O autogoverno judaico no Egito Medieval, Princeton 1980.

56. S. D. GOITEIN, Judeus e Árabes na história, Jouvence, Roma 1980, p. 59.

57. Ibidem, p. 63.

58. Surata XVI, 77.

59. S. D. GOITEIN, op. cit., p. 65.

60. Dogmengeschichte, II, pp. 553-557.

61. S. D. GOITEIN, op. cit., pp. 68-69.

62. Ibidem. p. 74.

63. Ibidem, p. 76.

64. P. JOHNSON, História dos judeus, Longanesi, Milão 1987, pp. 186-187.

65 L. SESTRIERI, Os Judeus na história de três milênios, Carucci, Roma 1980, pp. 92-95.

66. Ibidem, p. 95.

67. Ibidem, pp. 94-95.

68. G. STEMBERGER, O Judaísmo clássico, Città nuova, Roma 1991, p. 288.

69. Ibidem, pp. 288-289.

70. Ibidem, p. 290.

71. VERMINJON, As forças ocultas que manobram o mundo, Roma 1977, pp. 64-66.

72. Assassinando assim o espírito, esse crime é muito mais grave que o homicídio [ver Sodalitium nº 5, pp. 14-23 (éd. it.)].

73. Ibidem, p. 94. Sobre o assunto ver também R. BARAKI, Cristãos, muçulmanos e judeus na Espanha medieval, éd. do Cerf, Paris 1994.

74. R.A. ROSEMBERG, O Judaísmo, História, prática, fé, Mondadori, Milão 1995, pp. 84-85.

75. IL GIORNALE de 12/11/94 (p. 15) relata uma entrevista de Mahmud El Adhar, um dos chefes indiscutíveis do Hamas em Gaza, na qual se lê: “PARA NÓS MUÇULMANOS OS JUDEUS NUNCA CONSTITUÍRAM UM PROBLEMA ENQUANTO TAIS. Nós os acolhemos cada vez que vocês europeus decidiram se livrar deles. Nós começamos há cinco séculos quando os espanhóis começaram a expulsá-los de seu império”. O próprio Arafat declarou recentemente: “Nós queremos a paz com NOSSOS PRIMOS JUDEUS”; de L’OSSERVATORE ROMANO, 21 de agosto de 1994, p. 2.
76. J. KHOUEIRY, em Missioni della Consolata, agosto 1993, pp. 26-28. BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

C. BAFFIONI, História da filosofia islâmica, Mondadori, Milão 1991.
A. BAUSANI, O Islã, Garzanti, Milão 1987.
J. BERAUD-VILLAS, Islã de Ontem e de Hoje, Arthaud, Paris 1969.
A. FAHD, TOUFIC-BAUSANI, O Islamismo, Laterza, Bari 1991.
R. GARAUDY, Promessas do Islã, éd. Du Seuil, Paris 1991.
C. GASBARRI, Catolicismo e Islã hoje, Città Nuova, Roma 1972.
H. LAMMENS, O Islã, Crenças e instituições, Livraria oriental, Beirute 1943.
B. LEWIS, A linguagem política do Islã, Laterza, Roma-Bari 1991.
H. C. PUECH, Islamismo, Laterza, Roma-Bari 1991.
M. QUTUB, Equívocos sobre o Islã, Sita, Ancona 1980.
R. DAMONTECROCE, Os Sarracenos, Contra legem sarracenorum, Nardini, Florença 1992.
E. VARRIALE, A lei sagrada. Direito e Religião no Islã, Stamperia della frontiera, Careggio 1986.
G. LEVI DELLA VIDA, Árabes e Judeus na História, Guida éd., Nápoles 1984.
G. BALDACCI, Árabes e Judeus, Longanesi, Milão 1968.
G. TROVATO, Maomé e os Judeus, Agate, Palermo 1939.
A. UCCELLI, Os Árabes na história e na civilização, Vallardi, Milão 1912.
G. VALABREGA, A Revolução árabe, Dall'Oglio, Milão 1967.
ABDEL-KADER, A. RAZAK, Israel e o mundo árabe, Il Saggiatore, Milão 1964.
R. DE MATTEI, A vida interior fundamento da Contra-Revolução, Lepanto,